

A LOCOMOTIVA

A assignatura 500 rs. Publica-se 3 vezes por mez em dias indeterminados

Órgão dos interesses locais

Os artigos em sentido do programma serão publicados gratuitamente.

ANNO I

CUYABÁ, 22 DE JUNHO 1882

NUMERO 14



SECÇÃO NOTICIOSA

Assembléa Provincial.

Installara os seus trabalhos no dia 15 do corrente a assembléa legislativa provincial, lendo nessa occasião, S. Ex. o Sr. Presidente o seu relatório, em o qual expoz minuciosamente o estado dos negocios da provincia.

A reunião dos eleitos do povo sempre despertou entre nós bastante animação a bem da causa publica e por isso muitos beneficios esperamos do distincto e patriótico corpo legislativo.

Representações dramaticas.

Na noite de 13 do corrente, na freguesia de Pedro 2.º tiveram lugar as representações nos theatros particulares das sociedades Progresso Cuyabano e Escola Dramatica.

Acharão-se bem concorridos.

Baile.

Realisára-se em palacio, no dia 15 do corrente, o baile offerecido á S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia pelo partido liberal.

Foi assáz concorrido reinando grande prazer e animação.

Externato Matto Gras sense.

Como havíamos noticiado no

numero passado desta folha, effectuou-se do dia 15 do corrente, ás 3 horas da tarde, a instalação deste externato em a casa n.º da rua do Barão de Malgago.

Durante a cerimonia orou o nosso intelligente amigo Thomé Ribeiro de Siquira que, em phrases bastante expressivas patenteou a importancia de tal estabelecimento pelos serviços que vem prestar á provincia.

Chamamos a attenção dos Senhores educadores e pais de familia á esta instituição, digna de todo o apoio seus.

Bem vindo seja mais esse foco de luz!

LITTERATURA

EPITOME DA HISTORIA PATRIA Seus primeiros exploradores.

(Continuação do n. 13.)

O grande prazer que el-rei D. Manoel experimentou ao receber a grata noticia levada pelo capitão Gaspar de Lemos, fê-lo conceber a idéa de mandar explorar a terra de novo descoberta.

Organisou em Julho do anno de 1500 a primeira esquadilha exploradora, cujo commando confiou á Gonçalo Coêlho, a quem se deve o descobrimento dos cabos de S. Roque, de S. Francisco, de Angra dos Reis, S. Sebastião e S. Vicente.

Voltando esta esquadilha, enviou outra em 1503 sob o commando de Christovão Jacques, que descobriu a ilha de

Fernando de Noronha e a Bahia de Todos os Santos.

Como sôe sempre o bafejo da indifference empecer o vôo de qualquer idéa grandiosa, tornou-se o Brazil esquecido de Portugal, depois d'estas duas esquadilhas, e n'elle só tocavam navios que demandavam as Indias, uns por espirito de curiosidade, outros para fazer o contrabando do pão-brazil.

Crê se terem naufragado muitos d'esses navios, facto unico porque se applica a convivencia de um ou outro brasileiro com os selvagens, como Diogo Alvares na Bahia e João Ramalho em S. Paulo.

O primeiro, naufragado em 1510, foi o unico que escapou por um milagre da Providencia; porque, sendo pelos ferozes Tupinambás reservado para mais tardio sacrificio, offereceu-lhe occasião de matar uma ave com o mosquete com que ganhára terra, o que valen-lhe o perdão da morte e o appellido de CARAMURU, que quer dizer—HOMEM DE FOGO.

O segundo, naufragado em 1512, recolheu-se ás terras de S. Paulo, e conseguiu captar as graças de Tebyreca, chefe dos Guyanazes, até que mais tarde esposou-lhe a filha, do mesmo modo que Caramurú recebera por esposa a formosa Paraguassú, filha de uma sumidade indigena.

Cuyabá, 19 de Junho de 1882.

Tito L. Vio.

CONTINUA.

VARIÉDADES

Conselhos ás moças

A TERTULIA do Panamá publica os seguintes, que recommendamos ás nobres jovens e formosas leitoras.

«Nunca levantes os olhos sinão para olhar para o céu. Não feches o coração

à tua mãe; deixa-a lêr nelle como em um livro aberto. Não dês entrada ao orgulho em tua alma, porque o orgulho perde mais facilmente á mulher do que ao homem, e ao homem sempre acontece perder. Sé docil para com teus pais e em extremo tal, que não seja preciso que elles te digão com os labios o que bastaria te dissessem com o olhar.

Nunca tenhas amigas intimas. Considera-te todos os dias em presença de Deos, para'que não esqueças de que vives nella. Não dês logar á primeira falta, mas, si incorreres nella, não a occultes á pessoa de quem dependas, e confessa-a a Deos, porque elle não perdôa o que vê sinão o que lhe contão. Duas cousas sómente não sahem illusas de um baile: o pudor da alma e os enfeites do vestido; si crês que podes ser a excepção desta regra que nunca falha, vai a dous bailes.

O que significa uma volta dada com um homem em um salão e em presença da sociedade? O que significão as voltas que uma mariposa dá em redor da chama? Significa que em muitas ellas sabe litosa mas em uma se queima. Sé caritativa com os pobres e com todas as miserias. Si chegares a ter um vestido de seda, não esqueças que a seda é tão pesada que é preciso pôr um pão noutra balança da balança para manter o equilibrio deante de Deos. Nunca traga o peito descoberto; nem a tísica, nem os olhares dos homens perdôo a quem commette tal imprudencia. Usa de vestidos brancos para que harmonisem a alegria de tua idade e a pureza de teu coração.

O linho é fazenda que têm menos valor; porque não usão delle sinão as jovens discretas, e no commercio repararão que estas são muito raras. Todo atacador de pedras preciosas vale mais que a mulher que o traz, porém toda mulher vale mais que um laço de cintura. Não te entregues á leitura de novellas, porque as bôas são peiores que as más, e estas nunca perdoarão a coração algum. Vê que si quizeres valer muito pelo penteado, qualquer cabellereiro pôde pôr-te o preço.

Si tens a desgraça de ser bella, faze com que a inveja não falle da tua belleza por consideração ás tuas virtudes. No mundo não existem mulheres feias, o que ha são mulheres más e sem edu-

cação. Com a consciencia não ha transações; as que se fazem de dia, desfazem-se á noite, e das que se celebrão no mundo se appella para a sociedade. Não demonstre superioridade sinão na bondade de teu coração.

O calçado deve romper-se em casa; quando quizeres rompê-lo na rua, usa de botas e de calças. Si tens talento, occulta-o; si o não tens, occulta-te. A mulher é bella aos quinze annos, a innocencia sópé aos quarenta. As creadas são quem dá certificados sobre as virtudes das senhoras. Versos para mulheres se fazem com mentiras e consoantes. Quando a mulher tropeça o tropeção não está na pedra e sim no pé.

Quando as flôres estão na janela, ninguém entra em casa para vê-las. O ruber do pejo é mais agradável que a palidez da serenidade. O homem que te amar devêras não te mandará dizel-o e sim á tua mãe. A mulher que tem medo, nunca terá necessidade de valor. O matrimonio é uma cadeia de flôres: mas apezar das flôres, sempre é cadeia. Si teu esposo fôr bom, imita-o; si fôr máo, faze que elle te imite.

A uma certa senhora.

E's tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o rosto assustado
Ao ver-te a primeira vez.

Quando nasceste, era noite;
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãe viu-te, e gelada
De puro medo morreu!

As creanças a quem fallas
Não tornam mais comer pão;
Mulher pejada que topes
Pare logo um aleijão.

A morte bispou-te um dia
E começou a rugir,
Por saber que com tal cara
Não podia competir.

Mas, foi-se chegando á medo
E disse, dando-te um coice:
« Se eu apanho a tua cara
Nunca mais uso de coice. »

« Ninguém mais hade escapar-me
Quer seja doente ou são:
Morrerão todos em me vendo
Com tal cara na mão. »

Porem a morte era tonta
Com este seu discorrer:
Quando te vi bem de perto
El a é que esteve a morrer.

Fugio, chamando o diabo;
Não olhou mais para traz.
E disse ao autor do mundo
« Meu senhor, veja o que faz! »

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudio;
Mas, ao ver-te, gritou logo
« Causa assim nunca se vio! »

Cobrio os olhos com o rabo
E fugio a barregar
Que enquanto tu fores viva
Não torna ao mundo voltar.

« En cuidei, (dizia a besta),
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me serve!
Palavra de Satanaz! »

Podes gabar-te, caraça,
Que és a primeira mulher
Que espanta o diabo e a morte,
E nenhum dos dous te quer.

EXTR.

A PEDIDOS

Caro Zellis.

Participo-te que o miasmatico
Corrupira attribuiu-me a autoria
das cartas que tendes lhe dirigido e quando tu sabes que sou innocente ou estranho n'esses libellos; portanto, peço-te por especial obsequio, que não te occupes mais em escrever para esse ente nojento; por quanto, tolo e infatuado como está, julga-se cousa muito bôa por que infelizmente ajuntou uns dous virtens!

Saiba, caro Zellis, que o arrojado desse bipede tem chegado até a se julgar—homem de bem!... Como se engana, eim?! Quem foi, sempre é; pois esse biltre já se esqueceu do tempo em que andava nesta cidade lavando cachorro sem sabão?!... e que outro da laia delle chamou-lhe de

tratante e velhaco (no que não fez injustiça) pretendendo até deposital-o na casa de pouca farinha por causa de ter posto em pratica o maldito gato ficando alcançado em uma quantia não pequena ? !

O certo foi, caro Zellis, que as cousas não ficarão bonitas. . . e, onde estaria o Corrupira si não fosse o Snr. que o chamou para sua casa de negocio responsabilizando-se pelo alcançe ? !

O que seria hoje deste miseravel Corrupira ? Estaria sem duvida alguma no fundo d'uma masmorra espiando nella a punição do seo crime, não ? !

Entretanto não soube reconhecer esse inolvidavel beneficio e hoje procura maltratar o seu bemfeitor, aquelle que o tirou da miseria e do carcere !

Ingrato ! . . .

Note-se, caro Zellis, que o teu Corrupira hoje eleva até as nuvens aquelle que o queria depositar na casa já dita (de pouca farinha) ! . . Como as scenas se mudarão ! Actualmente são compadres e amigos superlativamente fallando. . . Emfim, elles se conhecem e para taes excrescencias humana só aquelle ver-sinho que assim diz :

Vivem juntos na mangedoura

Por serem amigos constantes;

O burrinho e o cavallo

Dando couces a cada instante!

Prevejo que o Corrupira não responderá o teu bilhete, porque está muito inraivecido e sem ter motivo para tanto; pois, destelhe sempre bons conselhos; e si ha offensa—delie parti.

Mas bem feito, quem te mandou aconselhar a esse jumentozi-

nhu; que importas tu com as infamias de outrem ! ?

Basta por agora. D'outra vez te mandarei noticias frescas e surprehendedentes a respeito deste homunculo bem conhecido nesta paciente capital pelas suas más qualidades e fracatuas.

Até breve

Teo amigo

MANUELLIS.

Confidencia do Barriga-Verde.

Meus caros amigos, vejo-me hoje confundido e ENVERGONHADO das accusações que se me tem feito.

FUI BUSCAR LÃ, E SAHI TOSQUEADG como disse um romancista.

Foi bem merecido o castigo que me inflingirão, não ha duvida !

Fiz um pomposo discurso em palacio, na chegada do Snr. Cor.^{el} José Maria de Alencastro; empunhei um copo e fiz-lhe saúdes bem merecidas.

Por um fôgoso orgulho tenho escrito muitas inconveniencias, sómente proprias de um homem ingrato e sem caracter.

Conheço o mal que tenho praticado! fui um traidor, um assassino de muitas reputações ilibadas!

Hoje vejo-me corrido, despresado, anarchisado, e no pleno discredito entre os homens de bem ! Bem merecido castigo!

Vingarão-se desapiedadamente! não se me tem dado quartel! envergonhame de mim proprio! oh! que horrivel punição! Que horrorosa desforra!

Peço humildemente ao redactor da LOCOMOTIVA que não consinta mais escrever e publicar esses infernaes artigos contra mim ! . . .

Meu AMIGO, basta já de torturas, confesso que sou um miseravel inimigo dos homens honrados

Confesso, sim, confesso, ainda e sempre que FIZEI e continho do AMIGO Victorio!

Confesso que... mas... desculpe-me.. não posso referir aquelle negocio, aquelle quadro nojento, hediondo e negro, que o maldito João-meio-dia disse no primeiro encontro!

Foi verdade, o demo attentou-me. . .

e eu. . . quis. . . quis. . . ameacei que . . emfim. . . eu estava desvairado. . . louco. . . libidinoso. . . e. . . quando ouv uma vóz argentina. . . uma vós doce. . . uma vós de anjo. . . e perdi a ca beça. . . e fiquei fulminado de um raio ! ! . .

Oh! foi horrivel! foi um drama negro. . . sim negro. . . como a noite tempestuosa. . . como a motora desse me-donho attentado! . .

Não posso mais supportar tanta tortura. . . não posso mais continuar, deixo para uma outra vez referir ainda a historia das beijocas e abraços e &&.

O BARRIGA-VERDE.

Pantomima.

M.—Bôa tarde, Dona Faneca; como estás?

F.—Vou vivendo, Sr. Miranda; queira entrar para descansar.

M.—Não posso, estou a procura do Benedicto Bambá, que provavelmente anda por ahi metendo medo às crianças.

F.—Deixa o cabra velho cumprir a malfadada sina, elle já não pode durar muito; PEDRO BOTELHO o espera impaciente.

M.—Não, senhora, é preciso trazelo de vista; o patife parece cobra que perdeo veneno, ou boi que comeo maracotões.

F.—Não perca seu tempo.—Páó que nasceo torto, tarde ou nunca se indereita.—Burro velho não toma mais rumo.

M.—Não estou por isso,—sempre ouvi dizer:—o que couro de boi não cõserta, pelle d'anta indereita.

Portanto, mais uma doze bem applicada e quem sabe.

F.—Vmc. faça o que entender. E que elle se emprega prezentemente?

M.—Está ensaiando um divertimento to, intitulado « Cavallo marinho », e pretende estréar-se nas vesperas de S. João.

F.—Graças a Deos, durante este tempo, a humanidade está livre de suas escamoteações!

M.—Aproposito, lá vem elle cantando e dansando a tal historia; vem vêr, D. Faneca.

F.—Para fazer sua vontade.

(Aparece Benedicto Bambá, montado n'uma vâra de bambú, rodeado de crianças. Traz prezo em uma corda um novilho, canta e dança.)

Cavallo marinho dança muito bem,

Quando eu te chamar
Maricas.
Quando eu te chamar
Maricas meu bem. . . .

Nesta boa-terra vale só quem TEM
Quando eu te chamar
Maricas.

Quando eu te chamar
Maricas meu bem. . . .

Bumba meo boi, búm. . . bá
Meo boi pintadinho, bum. . . bá,
Meu boi aracá, búm. . . bá,
Meo boi braciá, búm. . . bá.

Mandei o meu boi a serra
Me veio vacca parida,
Agora nem boi nem vacca
Nem com que trate da vida.

M.—Olá Benedicto?!
B.—Prompto meo sinhozinho do co-
ração.

Criançada—Viva o Benedicto Bam-
bá!! . . .

B.—Calla bocca moleque, deixa bran-
co fallá!

M.—Tu não tomas rumo, Judas?! Por
onde tens andado que não me appare-
ce á 4 dias?

B.—Sinhô, Vmc. perdôa cabra véio
desta vez, cabra véio anda arranjando
meio de ganhá conto de reis por meio
de escamoteação.

M.—Que fazes com esse novilho na
corda?

B.—Chama desculpa, sinhô. —Eugosto
deste animal muito principalmente
quando é manso e deixa por corda no
nariz.

M.—Basta de proza. Se me constar
outra tentativa de escamoteação de con-
to de reis, applico-te outra sova; porem
desta vez não será com instrumento fle-
xivel, de que não fazes caso:—retire-se.

B.—Sim, sinhô. . . .
(Aparte, retirando.) E' muito imper-
tinente este meu sinhô-moço. (Alto)

Criançada, me acompanha, vamos
cantar cavallo-marinho.
(Canta e dança)

Oh! moleque o que quer?
—Quero rapadura.
Essa é mui d'ora?
—E' sim, senhor.

Qual meo nome moleque?
—Benedicto bandalho.
Que apanhou com vergalho?
—E' sim, senhor.

O que eu faço, moleque?
—Muita bandalheira.
Que se diz ladroeira?
—E' sim, senhor.

O que mereço, moleque?
—Ser abandonado.
Como um cão desprezado?
—E' sim, senhor.

Mandei o meo boi á serra
Me veio vacca parida,
Agora nem boi nem vacca
Nem com que trate da vida.

Criançada!—Viva o cabra Benedi-
cto!
Vival viva!
Viva o Benedicto Bambá
Viva! viva!

Extra.

O POVO

Orgão dos interesses moraes e
materias da provincia, cuja
publicação foi interrompida por
ausencia de mór força que a v
tade de seu proprietario e red-
tor, se apresentará novamente
ante o publico favor—no decur-
so do corrente mez.

Aceitar se ha assignaturas—
unicamente— de pessoas residen-
tes fóra d'esta capital, á razão de
1\$ por mez—e nunca por me-
nos de trez mezes—pagos ad-
iantadamente.

Na capital—será vendido á
150 reis o exemplar, á principio,
mas tarde por menos, se pos-
sivel fór.

Distribuir-se ha—quatro ou
mais vezes por mez—em dias
indeterminados.

Programma de acção,—o mes-
mo com que surgio na arena jor-
nalistica em 30 de Dezembro de
1878—e que manterá hucrada-
mente, embora todos os sacrifi-
cios.

O proprietario e redactor,
José Maria Velasco.

A' casa em que nasci.

Longe dos lares meus, onde a fortuna,
Onde o destino meu me impurrar pôssa,
Jamais esquecerer, eu sei, eu sinto,
D'um cantinho siquer da casa nossa.

Lembranças do passado!—Eu t'as procuro
No grande livro, em que as recordações
Tristes ou alegres, amargas ou saudosas,
Lidas produzem varias emoções.

Da' casa de meus pais, em que nasci,
Em que meus irmãos tambem nascerão;
Da casa em que perdemos nosso pai,
Cujas recordações não fencerão:

Nunca, oh Deus, nunca esqueceremos
No constante perpassar das variações
Que os embates das ondas d'este mundo
Fazem rascar e morrer nos corações;

Nunca, sim, de nossa mente ha de sair,
E dos nossos corações se apagará,
A lembrança sagrada que adoramos
E no livro da vida escripto está.

Da sala, camarinha, ou da varanda,
Da cosinha, dispensa, ou do quinta!,
Das ateiras, bogarins e açucenas
E do frondoso e grande laranjal,

Nunca esqueceremos!—que chamados
Ao theatro immenso d'este mundo,
Em que tudo é falivel e variavel,
A occupar um papel lido e jocundo:

Quer em posição mesquinha ou pobre,
Pois não sabemos para que nascemos,
Da humilde casinha em que crecemos
Nunca, oh Deus,—nunca esqueceremos!

1880
